

POR QUE TEM TÃO POUCAS MULHERES NEGRAS NA TI?

Tobias da Silva Lino.

Para quem trabalha com Tecnologia da Informação, a falta de mulheres na área é gritante. Quando a mulher é negra a situação piora, ela sofre dupla discriminação. Para entender esse cenário, é preciso compreender também a dinâmica socioeconômica em que ela está inserida.

Não é possível pensar na discriminação racial e de gênero sem pensar na relação político-econômica, pois o racismo, aspecto essencial da luta de classes, é derivado das relações econômicas do capitalismo (ALMEIDA, 2019 *apud* COX, 1970). Para tanto, é preciso entender as diferentes formas de se ver o racismo para depois teorizarmos sobre as formas de discriminação.

Como aponta Almeida (2019), podemos compreender o racismo de três formas. A primeira, individualista, entende o racismo do ponto de vista moral, se limitando a ações individuais de preconceito e violência, sendo tratada por força de punição da lei. A segunda, institucional, entende o racismo como parte da sociedade e que está refletido em suas instituições (inclusive o mercado). A última, estrutural, compreende o racismo como fator que constitui a sociedade moderna, construída *a partir*, e não *apesar*, dele.

Partindo da forma institucional do racismo, e sendo o mercado instituição que o reflete enraizado na sociedade, podemos analisar o cenário atual da área de TI: apenas 20% dos profissionais de TI são mulheres, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Esses dados também aparecem na educação, dos profissionais formados na área, apenas 36% são mulheres, e apenas 25% delas atuam no setor. As consequências dessas condições são desastrosas não somente no sentido profissional, mas na vida social em geral:

A mulher negra é a vítima mais frequente da violência doméstica, em função da maior dependência econômica do marido, uma vez que ela também é mais discriminada no mercado de trabalho (MOREIRA, 2019).

Ser mulher na área de TI, portanto, significa sofrer formas acumulativas de discriminação que provocam a sua segregação por alunos, professores e outros profissionais, cujo trabalho mais reconhecido e valorizado é o trabalho masculino (LIMA, 2013). Esse cenário gera o que é chamado de *ameaça do estereótipo*, em que, membros de grupos minoritários, cujos estereótipos já foram internalizados, são desestimulados a concorrer em vagas nessas profissões (ALMEIDA, 2019). Por essa razão, cria-se a falácia: “mulher não gosta de programar” ou “mulher só trabalha com front”.

Por fim, a única forma de revertermos essa situação é realizarmos, de forma crítica e objetiva, a reflexão sobre a mulher no espaço de trabalho em geral, não só na TI. Para isso é preciso compreender o caráter estrutural da discriminação que elas sofrem. O seu potencial não pode ser barrado pela ideologia do patriarcado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: pólen, 2019.

COX, Oliver. **Caste, Class and Race: a Study of Social Dynamics**. Nova York; Londres: Modern Reader Paperbacks, 1970.

LIMA, M. P. **As mulheres na Ciência da Computação**. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 3, p. 793–816, dez. 2013.

MOREIRA, Adilson José. **Pensando como um negro: ensaio de hermenêutica jurídica**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.